



Curso de Pós-Graduação Lato sensu em
**coordenação
pedagógica**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

CLEIDIMAR COSTA TRINDADE

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
PENALVA–MA NO ANO DE 2015**

São Luís
2016

CLEIDIMAR COSTA TRINDADE

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
PENALVA-MA NO ANO DE 2015**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Carlos José de Melo
Moreira

São Luís
2016

Trindade, Cleidimar Costa

A Coordenação pedagógica na formação continuada dos docentes do ensino fundamental em uma escola municipal de Penalva – MA no ano de 2015 / Cleidimar Costa Trindade. — São Luís, 2016.

59 f.

Orientador: Carlos José de Melo Moreira.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Coordenador pedagógico. 2. Formação Continuada. 3. Ensino Fundamental.

I. Título.

CLEIDIMAR COSTA TRINDADE

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
PENALVA-MA NO ANO DE 2015**

Aprovado em: 29 de Novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos José de Melo Moreira

Profa. Dra. Ilzeni Silva Dias

Profa. Ms. Alessandra Belfort Barros

Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas, certezas sempre questionáveis. Estar vivo é assumir a educação do sonho cotidiano. Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida e de morte, é preciso educar o medo e a coragem.

Medo e coragem em ousar.

Medo e coragem em romper com o velho.

Medo e coragem em construir o novo.

Madalena Freire

Aos meus familiares e amigos, pelo incentivo.
Aos professores, que compartilharam comigo este estudo. À Maria Raimunda Martins (*in memoriam*) que esteve presente em grande parte dos trabalhos, contribuindo para que este pudesse ser realizado. Enfim, a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais suave para ser percorrido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho.

Ao Ministério da Educação e Cultura, a Universidade Federal do Maranhão, SEMED/Penalva/MA, SEDUC/MA e UNDIME que nos ofereceram esta oportunidade de qualificação profissional neste curso de Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica.

A minha família, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos de dificuldade.

Aos professores desta pós-graduação, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Carlos José de Melo Moreira.

Agradeço aos meus colegas pelas palavras amigas nas horas difíceis, pelo auxílio nos trabalhos e dificuldades, principalmente por estarem comigo nesta longa caminhada em busca de novos saberes e fazeres educacionais.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo o coordenador pedagógico na formação continuada dos professores. Tendo como objetivo compreender o trabalho do coordenador pedagógico na formação continuada dos professores das séries iniciais do ensino fundamental de nove anos em uma escola municipal de Penalva-MA no ano de 2015. A questão de pesquisa norteadora foi saber: - Quais foram as atividades desenvolvidas pelo coordenador pedagógico em uma escola municipal no que se refere a formação continuada dos professores no ano de 2015? O referencial teórico consistiu nos pensamentos de: Garrido (2015), Placco (2012), Soares (2010), Candau (2007), Vasconcellos (2006), Libâneo (2005), Kramer (2006), Brasil (1996; 2002), Nóvoa (2002, 1995); Almeida (2001), Piletti (1998), dentre outros. A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa. Como estratégia empírica, foi escolhida uma escola pública municipal de Penalva-MA e a aplicação de três modelos de questionário a seis sujeitos, sendo eles: um gestor; um coordenador pedagógico e a quatro professores. Os resultados obtidos se desdobraram entre as possibilidades e os desafios da formação continuada no interior da escola investigada. Constatamos que a escola não teve nenhum projeto de formação continuada no ano de 2015 elaborado pelo coordenador pedagógico ou pelo gestor. Compreendemos que a formação continuada dos docentes no ano de 2015 se deu de forma precária resumindo a reuniões de trabalho e de planejamento de aulas. Em contrapartida, os desafios que permeiam a escola investigada demonstraram a urgente e necessária criação coletiva de um projeto de formação continuada para os docentes da escola, com a definição de temas a serem estudados, como também, da definição do tempo real para a realização das formações, com agenda prévia para todo o ano. Uma vez que com a formação continuada os docentes poderão desenvolver suas atividades pedagógicas de forma mais crítica, política e libertadora eliminando ações sem resultados de aprendizagem repetidas por vários anos e, ao mesmo tempo, auxiliá-los em tomadas de decisões relacionadas às suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica; Formação Continuada; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This research had as object of study the pedagogical coordinator in the continuous formation of the teachers. Aiming to understand the work of the pedagogical coordinator in the continuing education of the teachers of the elementary school grades of nine years in a municipal school of Penalva-MA in the year 2015. The question of guiding research was to know: - What were the activities developed By the pedagogical coordinator at a municipal school with regard to continuing teacher education in the year 2015? The theoretical framework consisted of the thoughts of: Garrido (2015), Placco (2012), Soares (2010), Candau (2007), Vasconcellos (2006), Libâneo (2005), Kramer Nóvoa (2002, 1995); Almeida (2001), Piletti (1998), among others. The methodology used was qualitative. As an empirical strategy, a municipal public school of Penalva-MA was chosen and three questionnaire models were applied to six subjects, being: a manager; A pedagogical coordinator and four teachers. The results obtained unfolded between the possibilities and the challenges of continuing education within the school under investigation. We found that the school had no continuing education project in the year 2015 prepared by the pedagogical coordinator or the manager. We understand that the continuing education of teachers in the year 2015 took place in a precarious way, summarizing work meetings and class planning. On the other hand, the challenges that permeate the investigated school demonstrated the urgent and necessary collective creation of a project of continuous formation for the teachers of the school, with the definition of subjects to be studied, as well as the definition of the real time for the realization of the With prior schedules for the whole year. Since with continuing education, teachers can develop their pedagogical activities in a more critical, political and liberating way, eliminating actions without repeated learning outcomes for several years, and at the same time assisting them in making decisions related to their pedagogical practices.

Keywords: Pedagogical Coordination; Continuing Education; Elementary School.

LISTA DE SIGLAS

AOSD - Auxiliar de Serviços Gerais

CP - Coordenador Pedagógico

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

RETP – Realidade Escolar e o Trabalho pedagógico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. BREVE HISTÓRIA DO COORDENADOR PAEDAGÓGICO.....	16
1.1. O Coordenador Pedagógico e a formação continuada	20
1.1.1 A Prática do coordenador pedagógico: atribuições e desafios	24
2. O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....	28
2.1 A Formação Continuada na Escola	32
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	37
3.1 Caracterização da Escola e dos Sujeitos	38
3.2 Análise de dados	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
APÊNDICE	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A preocupação com a formação continuada de professores em serviço sempre foi algo presente no trabalho da coordenadora pedagógica que realizou esta pesquisa, e que deveria ser algo presente no trabalho de todo coordenador pedagógico dentro de sua escola.

No caso do professor, essa realidade deveria ser ainda mais latente, já que ele trabalha diretamente com a construção do conhecimento e a várias informações disponíveis pelos meios de comunicação, devendo zelar pela sua permanente atualização de novos conhecimentos. Para tanto, a formação continuada certamente se trata de uma ferramenta importante à disposição do docente para que essa assertiva possa vingar as escolas precisam ter seus projetos de formação continuada elaborados de forma coletiva por todos os sujeitos da escola.

Ao percebermos que a formação é um processo de socialização, em que os indivíduos adquirem valores, habilidades e conhecimentos coerentes com os grupos aos quais pertencem ou pretendem pertencer, entendemos que os professores, tanto quanto os alunos, aprendem na escola: “Não apenas aprendem, como aprendem, aliás, aquilo que é verdadeiramente essencial: aprendem a sua profissão” (Canário, 1998, p. 9).

Embora a formação continuada possa ser feita por cursos (presenciais ou a distância), assessorias, orientações técnicas, com o concurso de universidades, de instituições governamentais e outras instâncias formativas, a literatura atesta a vitalidade maior da modalidade centrada na escola, a qual não é novidade. A formação centrada na escola nasce de estudos, em 1970, da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, para responder à ineficácia da formação que vinha se processando, dada a dificuldade de passar o veiculado em centros de formação para a escola, ou seja, aprender em um contexto e remeter a outro. É no contexto da formação continuada centrada na escola que situamos o trabalho do coordenador pedagógico e, sem desmerecer a importância de outros profissionais do contexto escolar, reconhecemos seu trabalho decisivo junto aos professores, pois é na escola que ocorre, preferencialmente, a coincidência entre uma dinâmica formativa e um processo de construção de formas identitárias.

O coordenador pedagógico, em sua ação formativa, ao levar em conta as dimensões cognitivas, afetivas e sociais que constituem a prática dos professores, ao permitir a reconstrução dos mundos vividos pelos professores em sua trajetória pessoal e profissional, promove a constituição de formas identitárias da docência e da própria coordenação pedagógica.

Tardif e Lessard (2005) lembram que o professor acaba desenvolvendo “certezas ancoradas” e, quando as perdem, perdem a autenticidade. É levando em conta a dimensão subjetiva do processo educacional, o sentido como unidade de análise desse processo, que o coordenador pedagógico realiza o processo formativo de forma a provocar mudanças nas “certezas ancoradas” dos professores e suas próprias.

Para Almeida e Placco (2009) que o coordenador pedagógico tem, na escola, a função mediadora de revelar/desvelar os significados das propostas curriculares para que os professores elaborem seus próprios sentidos, deixando de conjugar o verbo cumprir obrigações curriculares e passando a conjugar os verbos aceitar, trabalhar, operacionalizar determinadas e criar propostas, já que estas estão de acordo com suas crenças e seus compromissos sobre a escola e o aluno; e rejeitar as que lhes parecem inadequadas como proposta de trabalho para aqueles alunos, aquela escola, aquele momento histórico. Compete-lhe, então, em seu papel formador, oferecer condições ao professor para que aprofunde sua área específica e trabalhe bem com ela, ou seja, transforme seu conhecimento específico em ensino.

Importa, então, destacar dois dos principais compromissos do coordenador pedagógico: com uma formação que represente o projeto escolar – institucional, atendendo aos objetivos curriculares da escola, e com a promoção do desenvolvimento dos professores, levando em conta suas relações interpessoais com os atores escolares, os pais e a comunidade. Imbricados no trabalho formativo, articulador e transformador. Como articulador, para instaurar na escola o significado do trabalho formativo coletivo, e como transformador, tendo participação no coletivo da escola, estimulando a reflexão, a dúvida, a criatividade e a inovação através da formação continuada em serviço.

Contudo, foi neste contexto da ação do coordenador pedagógico frente a formação continuada de professores em serviço que desenvolvemos esta pesquisa monográfica, tendo como objeto de estudo o coordenador pedagógico na formação continuada dos professores. Tendo como objetivo compreender o trabalho do

coordenador pedagógico na formação continuada dos professores das séries iniciais do ensino fundamental de nove anos em uma escola municipal de Penalva-MA no ano de 2015. A questão de pesquisa norteadora foi saber: - Quais foram as atividades desenvolvidas pelo coordenador pedagógico em uma escola municipal no que se refere a formação continuada dos professores no ano de 2015?

O referencial teórico consistiu nos pensamentos de: Garrido (2015), Placco (2012), Soares (2010), Candau (2007), Vasconcellos (2006), Libâneo (2005), Kramer (2006), Brasil (1996; 2002), Nóvoa (2002, 1995); Almeida (2001), Piletti (1998), dentre outros.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa. Como estratégia empírica foi escolhida uma escola pública municipal de Penalva-MA e a aplicação de três modelos de questionário a seis sujeitos, sendo eles: um gestor; um coordenador pedagógico e a quatro professores. A pesquisa foi apresentada em três capítulos que se subdividiram em seções, conforme a seguir:

Caracterização da Escola e dos Sujeitos;

Análise de Dados.

1. BREVE HISTÓRIA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

O objetivo deste capítulo e suas seções foram apresentar, de forma breve, a história do coordenador pedagógico escolar que se constitui juntamente com a organização da escola contemporânea no final do século XX.

A história da educação no Brasil tem seus primeiros registros a partir de 1549, com a chegada dos jesuítas. Mas somente depois de 1570 é que surge a primeira versão de um plano de estudo a ser adotado, denominado "*Rádio Studiorum*", este trazia consigo orientações de ensino.

Os jesuítas estiveram a frente do ensino no Brasil por muitos anos como afirma Ghiraldelli (2015, p. 28-29) que:

Coube aos Jesuítas praticamente o monopólio do ensino escolar no Brasil durante um tempo razoável. Algo em torno de duzentos anos. Durante esse tempo, eles, fundaram vários colégios com vistas à formação de religiosos. Ainda que os filhos da elite da colônia não quisessem, todos eles, se tornar padres, tinham de se submeter a tal ensino. Eram os únicos colégios existentes.

Este plano de ensino foi reformulado várias vezes, tendo sua versão promulgada. Em 1598 formou-se a última comissão para verificar novos pareceres, sendo aprovada e publicada a última versão da *Ratio Studiorum* em 1599, esta vigorou em todos os colégios da Companhia de Jesus. Como afirma Franca (1592, p. 39), “o código de leis que passava a orientar as atividades pedagógicas dos colégios jesuítas que representava os resultados de uma experiência, não de um homem ou de um grupo fechado e sim de uma experiência comum”. Esse manual prático era composto por um código de leis que instituía métodos de ensino e orientações para que os professores organizassem suas atividades na sala de aula.

Os primeiros indícios de supervisão escolar surgiram com a organização dos planos de estudos o *Ratio*, que se estruturava por meio de uma figura integrada a hierarquia dos reitores de colégios, sendo o “prefeito de estudos”, aquele que auxiliava os professores e alunos no ensino. Nessa organização surgia um outro auxiliar denominado como “prefeitos de disciplinas”, subordinado ao prefeito de estudo, os quais tinham contribuições específicas supervisionada por um Provincial.

Segundo Saviani (2002) a função supervisora é destacada das demais

funções educativas. O prefeito de estudos assumiu esse papel específico diferente do reitor e dos professores.

O manual prático apresentava um conjunto de regras que sistematizava as atividades ligadas a esse plano de ensino. O principal objetivo de organização de estudos era viabilizar o aproveitamento dos alunos. Além disso, a *Ratio Studiorum* apresentava os níveis de ensino: humanidades (denominados estudos inferiores), composto pelas seguintes disciplinas, retórica, humanidades, gramática superior, gramática media e gramática inferior. Além dos cursos de formação em filosofia e teologia considerados como superiores.

Segundo Miranda (2009, p. 03):

o programa de estudos estabelecidos na *Ratio* é essencialmente humanístico e, por essa repercussão em outras instituições escolares da Europa, podendo ser partilhados pela sociedade fora dos horizontes da Companhia de Jesus.

Com a reforma educacional pombalina, resultou na expulsão dos jesuítas, afastando a educação das mãos destes e passando para o estado. Com a extinção dos colégios jesuíticos, houve a destruição do único sistema de ensino no país. O estado precisou de aproximadamente trinta anos para organizar o pedagógico da educação a ser oferecido em terras brasileiras.

Nesse período o ensino passou a ficar disperso, pois foram admitidos professores leigos para ministrarem aulas régias. Passou a existir novas incumbências administrativa, aparecendo a figura do diretor geral de estudos e o poder de definir outros comissionários, fiscalizando os professores e fazendo levantamentos das escolas.

A ideia de supervisão continuava representada na figura do diretor geral e orientação de ensino ficou na responsabilidade dos comissários de cada localidade.

A primeira lei criada para a instrução pública, contida no artigo 5º da lei do dia 15 de outubro de 1827, estabeleceu o método chamado de Ensino Mútuo, onde o professor exercia a função de monitor e supervisionava as atividades de sala de aula. Contudo a forma de organização exigida nesse período não obteve eficiência, sendo transferida sua função a outra pessoa.

Para Ghiraldelli (2015, p. 33-34):

A adoção do método de ensino pela lei de outubro de 1827. Por tal método, o ensino acontecia por "ajuda mútua" entre alunos mais adiantados e alunos menos adiantados. Os alunos menos adiantados ficavam sob o comando de alunos monitores, e estes, por sua vez, era chefiado por um inspetor de alunos, (não necessariamente alguém com qualquer experiência com o magistério) que se mantinha em contato com o professor.

Esta deveria inspecionar os estabelecimentos públicos, juntamente com alguns delegados e membros do conselho diretor. Também era de sua incumbência ordenar a abertura de escolas, fazer conferência de diplomas, correção ou substituição de livros.

No ano de 1897 a fiscalização e o gerenciamento do ensino passaram a responsabilidade de um inspetor geral, este era auxiliado por outros comissários escolares em todo o estado. A partir daí, houve um acordo pela necessidade de uma organização, de um sistema nacional de educação. Este tornava-se relevante à criação de órgãos centrais e intermediário na elaboração das diretrizes e normas pedagógicas a um serviço de supervisão pedagógica nas unidades escolares. Havendo o processo de reestruturação do ensino brasileiro, passou a existir uma organização do ministério da educação tornando necessária a formação dos agentes que exerceria essa função.

Segundo Ghiraldelli (2015, p. 34):

Tal órgão ficou incumbido do estabelecimento de regras para o exercício da liberdade de ensino e, para a preparação dos professores primários, além de ser autorizado a reformular os estatutos de colégios preparatórios no sentido de colocá-los sob o padrão dos livros usados nas escolas oficiais. Também coube à Inspetoria Geral reformular os estatutos da academia de Belas Artes, organizar de modo novo o conservatório de música e refazer os estatutos da aula de comércio da corte.

Segundo Saviani, (2002) os cursos de pedagogia eram responsáveis pela formação dos pedagogos, que eram técnicos ou especialistas em educação e exerceriam várias funções.

A supervisão educacional passou por diferentes períodos difíceis na história da educação brasileira, tendo os projetos educacionais alterados para interesses de políticas econômicas.

Com o avançar histórico do século XX e as novas políticas educacionais implantadas na educação brasileira, o supervisor passou a ser mais que um supervisor e sim um controlador do trabalho do docente, a fim de garantir eficiência no desenvolvimento de seu papel, deixando de ser um articulador de saberes para ser um controlador dos conteúdos e do saber a ser ministrado nas escolas.

[...] os padrões de supervisão, baseados em inspeção e fiscalização, dão, a um sistema vertical de autoridade, controle e identificam-se como uma posição hierárquica, onde o executor é sempre um dependente e deve aceitar passivamente as diretrizes emanadas do supervisor, hierarquicamente num escalão mais alto (Lacerda *apud* Rosa, 1983, p. 32).

A supervisão escolar incorporou sua concepção na prática, nas ideias e na linguagem de teorias de gerenciamento de empresas, configurando um serviço técnico.

Por volta de 1920 a função do coordenador pedagógico escolar passou a unificar propostas pedagógicas, obedecendo a uma sequência de competências e sistematização das práticas pedagógicas. Posteriormente, na década de 1970 um conjunto de reformas de ensino foram organizadas no país sobre educação definindo a função do coordenador como agente de múltiplas funções, para atender a escola e o ensino técnico (ensino voltado diretamente para produzir indivíduos para o mercado de trabalho) se destacando a reestrutura do currículo, da gestão, do planejamento, da avaliação e toda a organização escolar nos parâmetros de atender a indústria brasileira (Almeida, 2001).

Na década de 1990, com o lento processo de redemocratização da política e da sociedade, oriunda dos movimentos sociais e dos trabalhadores da educação, foi aos poucos ganhando força de lei a gestão democrática. Com este novo contexto de diálogo e abertura, a função do coordenador pedagógico, foi ganhando sentido e sendo direcionado a uma proposta de projetos educativos participativos a serem construídos nas escolas e comunidades (Libâneo, 2005).

De acordo com as reformas feitas na legislação educacional brasileira, surgiu uma nova reconfiguração, chamada de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394 (BRASIL 1996). Com base nessa lei, a educação básica foi estruturada em três etapas; educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Após a promulgação da lei em questão, os profissionais da educação

tiveram maiores atribuições concernentes a gestão pedagógica, financeira e administrativa das escolas. Contudo difíceis de enfrentar.

A Lei nº 9394 (BRASIL, 1996), no Art. 2º estabelece que:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse processo emergiram questões sobre a avaliação institucional, avaliação de aprendizagem, gestão democrática, diversidade, violência, indisciplina e inclusão entre outras questões relacionadas ao currículo e valores que são projetadas a formação docente.

A formação de profissionais da educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão, e orientação educacional e para educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Em virtude da complexidade político-econômica da educação pública brasileira, se percebe, mesmo que lentamente, que as políticas educacionais voltadas para a formação do coordenador pedagógico vêm acontecendo ao longo da história da educação, mostrando pequenas mudanças que ocorreram no decorrer da redemocratização do país e do sistema educacional, adquirindo forças para instituir a coordenação pedagógica em uma gestão democrática que ainda busca a qualidade educacional.

1.1 O Coordenador Pedagógico e a Formação Continuada

Nesta seção, aprofundaremos a função pedagógica do coordenador.

Com base nos estudos realizados na sala Realidade Escolar e o Trabalho Pedagógico - RETP, do curso de coordenação pedagógica, elencando suas principais funções e os desafios por ele encontrado nas escolas de uma forma geral.

*Sobre a função pedagógica do coordenador pedagógico nas instituições escolares, ainda há muito o que definir e aprofundar em torno de sua identidade profissional.

O coordenador pedagógico desempenha várias funções na escola, contudo, se destaca pela sua articulação no processo de formação do docente. Com a LDBEN, n. 9.394 (BRASIL,1996) o coordenador pedagógico passou a ser responsável por criar momentos de discussões pedagógicas e pela formação continuada dos professores na escola, visando a constante atualização do docente em sua prática pedagógica na sala de aula.

Placco, (2012, p. 58) afirma que:

O coordenador pedagógico educacional, na articulação do trabalho com professores em seu desenvolvimento profissional, é pôr em contato nossos mundos internos, do ponto de vista de valores, atitudes e, principalmente, de ampliação de consciência, com tudo o que temos feito em nosso cotidiano; modos de conduzi-lo, nossos controles da docência, nossa atuação nos conselhos de classe, as avaliações que realizamos nossos estudos, a compreensão que temos das teorias, das aplicações na prática.

Ele tem um papel essencial na valorização da formação do professor, pois desenvolve certas habilidades capazes de lidar com as diferenças, tendo como objetivo ajudar na construção de uma educação de qualidade. Sabe-se que o coordenador pedagógico em uma gestão democrática, possui o papel de articulador. Cabe a ele à organização do trabalho pedagógico, viabilizando estratégias para um planejamento participativo, entre outras ações, tem também a incumbência da implantação da proposta pedagógica, incentivando os docentes a participarem das ações propostas para a formação continuada.

Vasconcellos (2006) considera que a prática do Coordenador seria de levar a equipe docente à reflexão de sua prática pedagógica, além de articular o trabalho dos diversos profissionais da escola, entre eles: os professores gestores, funcionários, como também os membros da comunidade, pais e alunos

É o coordenador pedagógico que conduz, de forma democrática, o corpo docente de uma escola, norteando-os a seguir metas e objetivos propostos, mediando todos os envolvidos no processo, participando e discutindo os problemas existentes, construindo soluções cabíveis, direcionando as propostas educacionais da escola.

Para Soares (2010, p. 04 *apud* Valério):

O trabalho coletivo implica uma compreensão mais ampla da escola. É preciso que os diferentes segmentos e atores que constroem e reconstruem a escola apreendam suas várias dimensões e significados. Isso porque o caráter educativo da escola não reside apenas no espaço da sala de aula, nos processos de ensino e aprendizagem, mas se realiza, também, nas práticas e relações que aí se desenvolvem. A escola educa não apenas nos conteúdos que transmite à medida que o processo de formação humana que ali se desenvolve acontece também nos momentos e espaços de diálogo, de lazer, nas reuniões pedagógicas, na postura de seus atores, nas práticas e modelos de gestão vivenciados.

De acordo com a reflexão, percebe-se que o coordenador pedagógico-CP deve assegurar aos professores um espaço escolar que propicie um processo educativo saudável, em que todos os segmentos estejam envolvidos para a melhoria do ensino.

O coordenador pedagógico contém habilidade necessária para conduzir as ações da escola através de seu acompanhamento, fomentando a formação continuada do docente, como fator principal no fortalecimento do projeto político pedagógico no âmbito escolar.

Libâneo (2005, p. 345) entende que, "o projeto político-pedagógico é um documento que propõe uma direção política e pedagógica ao trabalho escolar, formula metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação".

Compreendido como espaço de construção coletiva, o Projeto Político Pedagógico, serve como orientação de atividades educativas desenvolvidas no interior da escola. O PPP é o referencial de qualquer instituição de ensino. Com o seu surgimento as escolas obtiveram autonomia na elaboração da sua própria identidade institucional.

Está regido pela LDBEM - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394(BRASIL,1996), inciso I-14 artigo 12, desta mesma lei, diz que os "estabelecimentos de ensino respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica".

É indispensável que o coordenador pedagógico mantenha diálogo com os profissionais da escola a fim que haja uma reflexão em prol dos objetivos elencados pelo projeto político pedagógico, associando com os planos de desenvolvimento do trabalho docente em sala de aula.

O coordenador pedagógico, juntamente com a gestão da escola, precisa esforçar-se para instigar a participação de todos os segmentos, interagindo juntos aos pais perpassando as várias instâncias dos alunos.

Placco, (2009, p.38), afirma que:

[...] o coordenador pedagógico na escola tem a função articuladora, formadora e transformadora. É o elemento mediador entre currículo e professor além disso no modo particular de ver, é aquele que poderá auxiliar o professor a fazer as devidas articulações curriculares, considerando suas áreas específicas de conhecimento.

O coordenador pedagógico é um agente de transformação, responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica na escola. Ele leva os docentes a refletir sobre suas práticas, resgatando sua autonomia sem desconsiderar a importância do trabalho coletivo.

Conforme Placco (2012, p. 27) que:

[...] a ação coletiva implica o enfrentamento dos desafios presente na escola, de modo que uma ação coesa e integrada dos gestores da escola direção e coordenação pedagógica - educacional e dos demais profissionais da educação a partir de uma reflexão sobre o papel desses gestores na articulação e parceria entre os atores pedagógicos que melhor atenda as necessidades dos alunos.

O coordenador é um parceiro do professor, auxiliando-o na sua prática pedagógica de sala de aula, transformando esse meio em espaço permanente de formação. Essa transformação de fato ajudaria a transformar os resultados da aprendizagem dos alunos.

Ele propõe reflexões permanentes aos professores fazendo interlocuções sobre o trabalho do professor em sala de aula. É preciso que o coordenador assegure no ambiente escolar, reflexões permanentes, parceria, troca de experiências com os professores.

Ele junto ao corpo docente tem como principal função a assistência didática pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino auxiliando e construindo novas situações de aprendizagem, capazes de auxiliar os alunos ao longo da sua formação. A escola sendo um universo bastante complexo havendo finalidades aparentemente conhecidas e também consagradas em volta do qual se aglutinam diferentes pessoas, que desempenham variadas funções, com diversas atribuições expectativas e mudanças. Subtendem-se que todos que ali estão, sabem seu papel

e tem conhecimento do seu ambiente de trabalho, mesmo sabendo de sua tarefa ou responsabilidade, deixa de assumi-la, prejudicando o conjunto da escola.

Assim, Almeida (2001, p. 91 *apud* Vieira) afirma que:

O falar autêntico, o ouvir ativo e o olhar atento, que são as possibilidades de relacionamento. Esse relacionamento precisa ser construído entre professor e aluno e coordenador e professor, construindo espaço de autenticidade verdadeira comunicação.

O coordenador pedagógico que se utilizar desses instrumentos como forma de expressar os sentimentos, fazendo com que o professor possa tomar consciência de suas emoções e assim redimensionar suas ações e reações em seu trabalho, favorecendo, desta forma as mudanças na educação do professor e em suas práticas (Almeida, 2001).

Em virtude dos fatos mencionado acredita-se que o coordenador pedagógico garanta na escola um espaço de diálogo, primando pelas mudanças que vem ocorrendo na sociedade. O mesmo deve auxiliar os professores no desenvolvimento de um trabalho de qualidade, articulando, formando e transformando as ações educativas que necessitem de um planejamento e uma articulação com todos os seguimentos envolvidos da escola. O coordenador também ajudará na construção cotidiana de um ambiente de aprendizagem, participativo, para construir uma educação democrática e de qualidade.

1.1.1 A prática do Coordenador Pedagógico: atribuições e desafios

Nesta subseção, discutiremos a prática do coordenador pedagógico escolar, suas atribuições e desafios pedagógicos na escola de uma forma geral.

A escola de modo geral, quase sempre, se apresentou repleta de situações emergenciais que exigiram tomada de decisão rápida do coordenador pedagógico. Exigindo um constante refletir, planejar, executar, avaliar num permanente círculo ou espiral pedagógico envolvendo toda sua comunidade escolar.

Historicamente, por volta da década de 1920 e 1930, o coordenador pedagógico recebeu outras denominações, atribuições e viviam situações que o levava a uma desordenada atuação diferente de sua função adquirida após a LDBEN 9.394(BRASIL, 1996)

Até a década dos anos de 1990, o coordenador pedagógico, exercia sua função social na escola, como se fosse um "fiscal de fábrica industrial", verificava o que acontecia na sala de aula, nos corredores e pátio escolar. Ele encontra sempre grandes desafios para resolver, articular e promover as ações na escola em meio a tantos desafios e precariedade pedagógica.

Ao longo da década de 1990, o coordenador pedagógico passou a ser um profissional que deveria estar bem preparado para organizar e resolver diferentes problemas de currículo, planejamento pedagógico, elaboração e revisão do Projeto Político Pedagógico da escola, avaliação escolar, orientação pedagógica de alunos, formação continuada de professores, inclusão escolar, indisciplina e uso de drogas, educação sexual, diversidade cultural e religiosa, orientação vocacional, projetos interdisciplinares, gestão escolar dentre outros temas e trabalhos pedagógicos que perpassam pelo cotidiano escolar.

Porém, em algumas escolas, o coordenador pedagógico, ainda não conseguiu definir sua função pedagógica, que para Piletti (1998, p.125 *apud* Garcia), dentre outras, seriam:

- a) acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação;
- b) fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional;
- c) promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo;
- d) estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem na sala de aula.

Além dessas funções citadas acima por Piletti (1998) o coordenador pedagógico tem outras atribuições que são visíveis no cotidiano de sua rotina escolar, como tornar o ambiente escolar mais agradável, onde o coletivo deva ser priorizado para o bom desenvolvimento das atividades extraescolar, como:

a colaboração com o professor; - esclarecendo dúvidas e discutindo metas a serem seguidas dando sugestões sobre seus trabalhos; - elogiando o trabalho docente quando necessário, mostrando o que é positivo e esclarecendo o negativo; - incentivando os docentes em avançar cada vez mais em sua formação; - falar diretamente com o professor sobre o desenvolvimento de seus alunos e mostrar como deve ser conduzido o trabalho e sua avaliação; - desenvolvendo um trabalho coletivo e de formação com os docentes (1998, p. 125).

Assim, o coordenador pedagógico precisa ter uma boa formação inicial e continuada para desenvolver bem a sua prática pedagógica de forma inovadora e assegurar o seu espaço no sistema político-educacional e principalmente dentro da escola.

Para Garrido (2015, p.10 *apud* Almeida):

[...] mudar práticas pedagógicas não se resume a uma tarefa técnica de implementação de novos modelos a substituir programas, métodos de ensino e formas de avaliação costumeiros. Mudar práticas significa reconhecer limites e deficiências no próprio trabalho. Significa lançar olhares questionadores e de estranhamentos para práticas que nos são tão familiares que parecem verdadeiras, evidentes ou impossíveis de serem modificados. Significa alterar valores que caracterizam de tal modo nossas ações e atitudes que constituem parte importante de nossa identidade pessoal e profissional. Mudar práticas implica o enfrentamento inevitável e delicado de conflitos entre os participantes (professores, alunos, pais e a hierarquia do sistema escolar), originados de visões de mundo, valores, expectativas e interesses diferentes.

Assim, de forma inovadora e crítica, o coordenador pedagógico no exercício de sua função na escola, passa a ser um elo promovendo diálogo com a gestão, os professores, os alunos, os pais e toda a comunidade; promovendo e articulando um trabalho participativo e coletivo. Dessa forma ele contribuirá para a construção de uma prática docente, acompanhando o desenvolvimento de todo o processo que ocorre na escola, garantindo situações de reflexão sobre teoria e prática.

Liberali, (2011) relata que a função do coordenador pedagógico como líder, deve conquistar o respeito do colegiado. Ele deve estar informado da legislação educacional em vigor, da história da educação geral, brasileira e de seu estado/município; não precisa ter conhecimento aprofundado de todas as áreas do conhecimento e tem que ter conhecimento teórico e prático dos fundamentos da educação básica nacional. É importante que o coordenador pedagógico saiba ouvir, analisar e se posicionar sobre diferentes situações pedagógica de forma oral e escrita. É necessário ouvir o docente, fazendo revelar o que pensa, ganhando sua confiança.

Para Orsolon (2001, p. 22 *apud* Placco):

[...] a mudança na escola só acontecerá, quando o trabalho for coletivo, articulado entre todos os atores da comunidade escolar, individual e grupal de trazer as concepções, compartilhá-las, ler as divergências e as convergências, mediante esses confrontos, construir trabalho. O coordenador, como um dos articuladores desse trabalho coletivo, precisa ser capaz de ler, observar e congregar as inovações, para que todos se comprometam com o proposto.

Como um profissional da educação o coordenador pedagógico precisa estar aberto as transformações histórico-científicas focando sua ação no processo ensino-aprendizagem escolar do aluno; dialogando com as novas tecnologias educacionais, com as novas metodologias de ensino; assim como, promover e mediar o processo ensino-aprendizagem em toda a escola.

O Coordenador pedagógico deve estar em constante colaboração com os professores e alunos transformando sua realidade político-social através de reflexões e ações que darão possibilidades a mudança e a responsabilidade de cada profissional melhorando os índices públicos de sua realidade escolar.

Contudo, demonstramos, nesta seção, que o coordenador pedagógico, historicamente, tornou-se um profissional imprescindível na organização da escola de qualidade, principalmente na articulação do planejar, executar e avaliar as diferentes práticas pedagógicas da escola com professores e alunos, visando a aprendizagem atualizada dos alunos e de todos os sujeitos envolvidos na escola.

2. O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

O objetivo deste capítulo é discutir a ação do coordenador pedagógico na formação continuada de professores em serviço.

A organização escolar tem característica de grande relevância para as práticas da coordenação pedagógica na formação continuada dos professores como a cultura organizacional ou a cultura da escola. Uma vez que se tem compreendido que a escola é um lugar onde acontece a construção e reconstrução de cultura, sendo a cultura social, a científica, a cultura dos professores e dos alunos, a cultura da escola. Logo, todos na vida escolar precisam estar em constante processo de formação, transformação e de superação.

Para Libâneo (2011, p. 34):

[...]as escolas podem ser consideradas lugares de intercruzamento de culturas, entre elas, a cultura da escola. A cultura da escola refere-se àqueles significados, modo de pensar e agir, valores, comportamentos, modos de funcionamento que, de certa forma, mostram a identidade e os traços característicos da escola e das pessoas que nela trabalham. A cultura organizacional sintetiza os sentidos que as pessoas dão as coisas gerando um padrão coletivo de pensar e perceber as coisas e de agir.

A participação dos professores na organização e gestão do trabalho escolar, faz com que ele aprenda tomar decisões coletivas, dividindo com os colegas de profissão as preocupações, os desafios, as dúvidas, as angústias do dia a dia compartilhando experiências desenvolvendo o espírito de solidariedade, criando projetos pedagógicos e investindo no seu desenvolvimento profissional. O professor desenvolve sua personalidade na sua primeira formação inicial, quando ele constrói sua identidade pessoal no exercício da função, juntamente com seus alunos.

Neste contexto, Pimenta (1999, p. 39 *apud* LIBÂNEO):

[...] tem ressaltado que o trabalho do professor é um trabalho intelectual e não um trabalho de técnico executor. O trabalho de professor implica compreender criticamente o funcionamento da realidade e associar essa compreensão com seu papel de educador, aplicando uma visão crítica ao trabalho concreto no contexto específico em que ele acontece.

Coloca-se a escola como o lugar onde o professor desenvolve seu conhecimento e as competências de ensinar. Ele participa ativamente da

organização do trabalho escolar, criando com os colegas, uma equipe de trabalho, que aprende novos saberes, atuando no desenvolvimento da escola. Libâneo (2011, p. 36) diz que umas das funções básicas do professor é "participar da organização e gestão da escola, contribuindo nas decisões de cunho organizativo, administrativo e pedagógico-didático".

A formação continuada é uma forma elementar do profissional buscar, sua qualificação melhorando sua prática pedagógica e se tornando um pesquisador que constrói conhecimentos. Ela tem um papel muito importante na construção dos conhecimentos, atitudes e convicções dos professores, sendo de extrema importância a sua identificação profissional.

Pimenta (2011, p. 31 *apud* LIBÂNEO), afirma que:

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que se supõe condições de trabalho, em redes de auto formação e em parceria com outras instituições de formação.

A formação continuada dos professores depende tanto da forma de organização do trabalho na escola, quanto da forma como se organiza o trabalho do coordenador pedagógico, visando uma educação de qualidade na escola, inserindo ações pedagógicas, articulando práticas e transformando o ambiente escolar em um espaço de formação para todos, onde os professores possam refletir, planejar, executar, avaliar e sempre buscar criar novas práticas educativas.

A formação continuada de professores na escola, através do coordenador pedagógico, ressalta a importância do mesmo ter tido uma boa formação inicial e continuada com especialização, mestrado e doutorado, uma vez que a formação inicial é a base para a construção da prática pedagógica escolar.

Sem uma boa formação inicial teórica-prática, do coordenador pedagógico e do professor, quando ingressam na carreira, terão grandes dificuldades no processo de ensino-aprendizagem na dinâmica de sala de aula.

É no contexto da formação inicial que ocorre as primeiras experiências da passagem da teoria para a prática no fazer pedagógico do coordenador e do professor. Do contrário, sem uma boa formação inicial, nem o coordenador pedagógico e nem o professor, conseguem desenvolver o processo ensino-aprendizagem, e nem resolver os diversos problemas pedagógicos que vão se

apresentando no cotidiano escolar, tendo dificuldade em contribuir com organização e o funcionalmente de uma escola moderna e de qualidade.

Silva (1997 p. 50 *apud* FRANCO 2015) identifica a carreira inicial do professor pela expressão "choque com a realidade" que é caracterizado pelo "impacto por eles sofrido quando iniciam a profissão e que perdura por um período de tempo mais ou menos longo".

A formação continuada do docente é uma das funções da organização escolar envolvendo tanto o setor pedagógico quanto o administrativo. A formação continuada é condição para uma aprendizagem permanente, e para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. Ela se prolonga por toda a vida, tornando-se importante para a internalização de saberes. O trabalho do coordenador pedagógico é fundamental na formação continuada em serviço, dos docentes, pois ele auxilia os professores dando possibilidades em suas reflexões e as mudanças que influencia suas práticas.

Segundo Perrenoud (2000) a reflexão possibilita transformar o mal-estar, a revolta, o desânimo, em problemas, os quais podem ser diagnosticados, explicados e até resolvidos com mais consciência, com mais método. Entretanto, o mesmo autor escreve que, para encarar a dificuldade do trabalho de ensinar, não basta somente a prática reflexiva como não é suficiente apenas a experiência.

Fusari, (2015 p.17) considera interessante às experiências ocorridas em São Paulo e destaca o desenvolvimento profissional dos educadores, quando o mesmo ocorre no interior da escola, sob coordenação de diretores e coordenadores pedagógicos. A análise dessas experiências mostra que a formação continuada de professores deve ocorrer também na escola.

A formação continuada é uma forma diferente do profissional buscar sua qualificação pessoal, melhorando seu desempenho e se tornando um pesquisador, que elabora conhecimento. Ele tem um papel importante na construção dos conhecimentos, atitudes e convicções dos professores, sendo de extrema relevância a sua identificação profissional, realizando sua prática, revendo suas rotinas, inventando novas soluções para os antigos problemas pedagógicos etc.

A educação continuada se faz necessária pela própria natureza do saber e do fazer humano, como práticas que se transformam constantemente. A realidade muda e o saber que construímos sobre ela precisa ser revisto e ampliado sempre. Dessa forma, um programa de educação continuada se faz necessário para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente para analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para atribuímos direções esperadas a essas mudanças (Christov, 1998, p.9 *apud* LÍBÂNEO 2011).

Nesse contexto, compreende-se que o professor analisa a sua própria prática através de teorias, utilizando novas formas de executar o trabalho, inventando estratégias e criando novos procedimentos e aumentando sua consciência e transformando de suas práticas pedagógicas.

A atuação do coordenador pedagógico será fundamental para um trabalho de formação continuada em serviço. Ao contribuir e organizar a reflexão dos professores sobre as dificuldades que eles encontram para desenvolver seu trabalho. No entanto, ele encontra dificuldade para realizar essa função, pois é atropelado pelas urgências e necessidades do dia a dia da escola.

O coordenador pedagógico tem uma valorosa função, na contribuição da formação do docente, ajudando-o no seu desenvolvimento permanente na escola. O CP está dentro do ambiente escolar, concretizando uma parceria de formação, propondo momentos reflexivos nos horários de trabalho coletivo, que devem acontecer na escola. O mesmo deve de fato organizar equipes de estudos, planejamento das ações didáticas pedagógicas, em conjunto com os docentes, também deve fazer orientações por série, exercendo realmente a função de articulador de aprendizagem. Para Gouveia e Placco (2015, p.71) é preciso cuidar dessa parceria formador-professor para não exigir sem oferecer instrumentos para não deixá-los sozinhos e desarmados.

De acordo com Fusari (2015, p. 23-24):

A formação continua na escola e fora dela dependem, como dissemos, das condições de trabalho oferecidas aos educadores, mas depende também das atitudes destes diante de seu desenvolvimento profissional. Não podemos relegar a formação continua exclusivamente á responsabilidade do estado. Cada educador é responsável por seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional; cabe a ele o direcionamento, discernimento e a decisão de que caminhos percorrer. Não há política ou programa de formação continua que consiga aperfeiçoar um professor que não queira crescer, que não perceba o valor do processo individual-coletivo de aperfeiçoamento profissional.

Campos e Aragão (2012, p. 54) afirmam que o "coordenador pedagógico tem muitas formas de realizar formação docente entre os pares e discussões pedagógicas dentro da própria escola". Pois, o dia a dia na escola e a relação direta com os educadores, possibilita ao mesmo tempo um aprender no fazer pedagógico de acordo com que o contexto lhe exige.

É possível compreender que embora o cotidiano da escola, esteja sempre repleto de situações difíceis, a organização escolar pode ser um ponto de partida para que o coordenador pedagógico realize sua função. Entretanto, precisa ser coeso e ter clareza ao realizar em conjunto as ações, especificamente na formação continuada de professores nos anos iniciais do ensino fundamental. Deve submergir os argumentos muitas vezes utilizados pelos coordenadores com desculpas infundadas por terem realizado os trabalhos ou na justificativa de resultados que não foram alcançados mediante as ações entre outras.

Enfim, demonstramos até aqui que o coordenador pedagógico, quando tem uma boa formação inicial e continuada, ele pode contribuir ainda mais com a organização da escola em todos os sentidos, desenvolvendo várias atividades político-pedagógicas, dentre elas, elaborar vários tipos de projetos pedagógicos, na formação continuada, como também, criar as condições necessárias de implementação destes projetos, para os docentes dentro da própria escola onde trabalham, e por fim coordenar discussões de várias temáticas científicas, político-sociais e elaboração de novas ações pedagógicas.

2.1 A Formação Continuada na Escola

O objetivo desta seção volta-se à formação continuada dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental em serviço.

Nesse sentido, entende-se ser necessário, discutir mesmo que brevemente alguns pontos importantes sobre tais séries no ensino fundamental. Vinculada a um passado de práticas predominantemente assistencialistas e compensatórias, o ensino fundamental, séries iniciais, passou a se constituir como continuidade do "direito da criança" a partir da Constituição Federal de 1988. A década de 1990 se configurou em um período de discussões sobre o "Direito da Criança e do Adolescente", Com o Estatuto da Criança e do Adolescente –ECA (BRASIL, 1990) dentre outros, a educação; tendo como marco principal o reconhecimento da

educação infantil como a “primeira etapa da educação básica” na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (BRASIL, 1996), seguida do ensino fundamental de nove anos.

A partir desse fato, as discussões sobre as necessidades formativas específicas para o profissional que atua com a criança e o adolescente, seja na educação infantil, seja nas séries iniciais ou finais do ensino fundamental, vêm crescendo a cada ano. Essas discussões vão desde a formação inicial oferecida em nível de graduação nos cursos de pedagogia, magistério, normal superior ou outras licenciaturas, até a oferta de formação continuada para esses profissionais, como prática a ser garantida pelas redes e sistemas de ensino.

Conforme preceituado no artigo 62, inciso 1º da Lei n. 9.394/96 (BRASIL, 1996), “a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério”.

No Referencial para a Formação de Professores (BRASIL, 2002, p. 68), a formação continuada é definida como:

[...] necessidade intrínseca para os profissionais da educação escolar, e faz parte de um processo permanente de desenvolvimento profissional que deve ser assegurado a todos. A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. [...] a perspectiva de formação continuada que aqui se propõe está intimamente ligada à existência dos projetos educativos das escolas de educação básica (de educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos), e pode acontecer tanto no trabalho sistemático dentro do espaço da escola quanto fora dela, mas sempre com repercussão em suas atividades. A formação continuada feita na própria escola acontece na reflexão compartilhada com toda a equipe, nas tomadas de decisão, na criação de grupos de estudo, na supervisão e orientação pedagógica, na assessoria de profissionais especialmente contratados etc.

Embora a oferta de formação continuada seja um direito garantido pela legislação aos profissionais da educação básica e esteja contemplada em documentos de âmbito nacional, o acesso e as condições sob as quais ela é ofertada aos profissionais do ensino fundamental, séries iniciais ainda se configuram, atualmente, como desafios variados a serem superados.

Kramer (2006, p. 804) aponta que:

A formação continuada de profissionais da educação básica – professores e gestores – é um desafio que exige a ação conjunta das instâncias municipais, estaduais e federal. Esse desafio tem muitas facetas, necessidades e possibilidades, e atuação, tanto na formação continuada (em serviço ou em exercício, como se tem denominado a formação daqueles que já atuam como professores) quanto na formação inicial no ensino médio ou superior.

Candau (2007, p. 140) também destaca que a discussão acerca da formação continuada “tem estado presente em todos os esforços de renovação pedagógica promovidos pelos sistemas de ensino ao longo dos tempos”. Entretanto, apesar dos esforços empreendidos para consolidar essa prática, o que se tem observado na maioria dos projetos realizados nos diferentes sistemas de ensino e centros de formação de professores é a formação continuada praticada sob a perspectiva clássica (Candau, 2007). Quando praticada nessa perspectiva, a formação continuada é caracterizada pela realização de atividades que enfatizam a “reciclagem” profissional, que consiste no ato de “refazer o ciclo, atualizar a formação recebida” (Candau, 2007, p. 141). Entre as possibilidades de “reciclagem” figuram, de acordo com a autora, os cursos promovidos pelas secretarias de educação e a participação em simpósios, congressos e encontros que orientam, de alguma forma, o desenvolvimento profissional dos professores. A perspectiva clássica de formação continuada está atrelada à presença dos profissionais nesses espaços, “considerados tradicionalmente como o *locus* do conhecimento”, e tem sido “o sistema habitual de formação continuada dos profissionais do magistério” (Candau, 2007, p. 141).

Contudo, colocamos estas questões para a realidade de uma escola da Secretaria Municipal de Educação-Semed do município de Penalva (MA), no qual realizamos esta pesquisa. Na Semed desse município, tem sido possível identificar, entre as práticas da rede pública municipal, a falta da oferta de formação continuada aos profissionais que atuam no ensino fundamental através de projetos de formação. Sob respaldo legal, com diferentes nomenclaturas e gestões públicas, a formação continuada deve ser ofertada aos profissionais de educação em serviço, seja tradicionalmente organizada no formato de grupos semanais de estudo ou de palestras, seminários ou cursos de curta duração.

Porém, esta pesquisa se interessou pela formação continuada de professores em serviço, intermediada pelo coordenador pedagógico, onde a possibilidade de formar-se a partir de seus contextos de trabalho, contribuindo para a superação do modelo clássico (cursos, palestras, semanas pedagógicas etc) de formação até então predominante entre as práticas de formação continuada instituídas nas formações de professores de todo o Brasil.

Nesta pesquisa, o primeiro ponto que indagamos foi saber se a escola investigada e o coordenador pedagógico trabalharam com elaboração e desenvolvimento de um Projeto de Formação Continuada em serviço de professores das séries iniciais. Somente a partir desta constatação de se ter ou não um projeto de formação docente elaborado pelo coordenador pedagógico e o coletivo da escola é que demos seguência a nossa pesquisa na escola escolhida. Que no caso não possuía no ano de 2015 um Projeto de Formação Continuada de Professores, o que acontece também, nesta modalidade de formação, em toda a Semed de Penalva/MA. Não se cumpriu, em sua ampla interpretação, as orientações da LDBDN n. 9.394/1996, artigo 62, na promoção da Formação Continuada em Serviço aos Docentes da Semed de Penalva/MA em serviço entre os pares, na própria escola em seu contexto e realidade local.

Lógico, que sabemos que esta pós-graduação em Coordenação Pedagógica que estamos finalizando em parceria interinstitucional entre a Semed/Penalva a UFMA e o MEC faz parte desta formação continuada em serviço, mas não é desta situação específica que esta pesquisa se refere, conforme já fora explicado.

Contudo, a formação continuada que é foco desta pesquisa é aquela centrada no ambiente das escolas, que é aquela perspectiva defendida por Nóvoa (1995). Para Nóvoa (1995) é a formação em que se confronta “as diferentes situações em que os professores são diariamente obrigados a enfrentar, que apresentam características únicas, exigindo, portanto, respostas únicas” (1995, p. 27).

Nesse sentido, as práticas de formação continuada instituídas nos espaços educativos devem tomar como referência as dimensões individuais e coletivas da profissão docente, num movimento que compreenda o compartilhamento de experiências entre pares e a autonomia de cada professor acerca “da responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional” (Nóvoa, 1995, p. 27).

Nóvoa aponta, também, a necessidade de passar a formação de professores para “dentro” da profissão, tomando como base as situações

vivenciadas em contextos escolares, conferindo aos professores a oportunidade de dialogar entre pares em sua própria instituição, na busca de soluções que venham ao encontro dos dilemas e das experiências de cada equipe de ensino em sua realidade singular.

Remetendo esse pensamento ao contexto das séries iniciais do ensino fundamental, isso implica oferecer aos profissionais espaços de avaliação e discussão entre as demais atividades desenvolvidas nas instituições, para que a formação aconteça como um processo contínuo e integrado ao cotidiano, configurada não somente como necessidade, mas como direito e premissa para a oferta de uma educação pública, democrática e de qualidade.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo final da pesquisa apresentaremos a análise empírica dos dados buscando compreender o trabalho de um coordenador pedagógico na formação continuada dos professores das séries iniciais do ensino fundamental de nove anos de uma escola municipal de Penalva-MA no ano de 2015. Como também, responder a questão de pesquisa, a saber: - Quais foram as atividades desenvolvidas pelo coordenador pedagógico no que se referiu a formação continuada dos professores em uma escola municipal no ano de 2015?

Nessa pesquisa desenvolvemos a abordagem qualitativa que presando pela qualidade dos dados, explicando-os, interpretando-os e confrontando-os.

Neste sentido, para André (1995, p.17):

(...) se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide realidade em unidades, possíveis de mensuração, estudando-as isoladamente) defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências.

Esse tipo de pesquisa qualitativa, conforme destacam Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51), caracteriza-se quanto:

[...] à fonte dos dados, que na pesquisa qualitativa é o ambiente natural onde acontecem as atividades educativas; ao caráter descritivo da investigação; ao interesse do investigador pelo processo, não simplesmente pelos resultados ou produtos; pela tendência a uma análise indutiva dos dados; pela importância vital do significado.

Tal modelo metodológico de investigação adotado nesta pesquisa possibilitou a compreensão mais abrangente dos fenômenos educacionais observados no contexto real da escola investigada, e permitiu que nos preocupássemos mais com o processo que com o produto da investigação, e que ficássemos atentos aos seus significados. O campo de investigação foi uma escola municipal de Penalva (MA) com as séries iniciais do ensino fundamental e que promoveu no ano de 2015 a formação continuada de seu quadro de professores.

Assim, a pesquisa na parte empírica foi realizada com a participação de seis sujeitos, sendo um gestor, um coordenador pedagógico e quatro professores. A

coleta de dados desta amostra se deu em uma escola pública municipal da zona urbana do município de Penalva-MA, denominada de Escola C.

Segundo FRANCO (2008, p.19), o ponto de partida da "análise de conteúdo é de a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada". Necessariamente, a mensagem expressa um significado e um sentido, atendendo à proporção da pesquisa. Portanto, para atingir melhores resultados, optamos por esta metodologia qualitativa a fim de compreender a ação dos sujeitos atuantes envolvidos nesta investigação conforme apresentaremos nas próximas três seções seguintes.

3.1 Caracterização da Escola e dos Sujeitos

A **Escola C**, *lócus* desta pesquisa, pertence a rede de ensino pública do município de Penalva/MA, localizada na área central da cidade, nos quais trabalham os seis sujeitos participantes desta amostra. Todos são efetivos na carreira docente da Semed/Penalva.

A **Escola C**, atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental; possui cinco salas, oito banheiros, uma cozinha e um pátio e um total de 27 funcionários.

No ano de 2015 havia um total de 256 alunos matriculados do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, distribuídos em cinco turmas, com funcionamento nos dois turnos, matutino e vespertino.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação dos questionários ao gestor, ao coordenador pedagógico e aos quatro professores desta escola. Todos os seis sujeitos escolhidos para participarem desta pesquisa foram esclarecidos do objeto desta pesquisa, seus objetivos e em seguida fizeram a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo).

Quanto a caracterização dos seis sujeitos desta amostra:

a) Os seis Sujeitos (- **S1**, Gestor; - **S2**, Coordenador Pedagógico; - **S3**, Professor; - **S4**, Professor; - **S5**, Professor; - **S6**, Professor) que responderam aos questionários são todos do sexo feminino; tem acima de 30 anos de idade; tem mais de 5 anos de trabalho efetivos na Semed/Penalva.

d) Formação superior: Dois tem formação superior em pedagogia e quatro são formados em licenciatura em letras, biologia, matemática e história.

e) Todos os seis sujeitos têm especialização "*Lato Sensu*" em sua área específica de conhecimento.

Vejamos na próxima seção a análise dos dados.

3.2 Análise dos dados

Os seis sujeitos participantes desta pesquisa iniciaram sua participação após esclarecimento dos objetivos desta pesquisa, onde tomaram consciência da mesma e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Com base nas respostas dos seis Sujeitos apresentamos algumas considerações para a compreensão da formação continuada realizada na Escola C no ano de 2015.

Na questão sobre a concepção pessoal de formação continuada os seis sujeitos responderam que a:

Formação continuada é uma oportunidade de aperfeiçoamento profissional, para melhorar práticas existentes e tudo que seja determinante para ter sucesso. É um processo que o profissional busca com o objetivo de se qualificar, e melhorar sua prática docente, como também seu conhecimento profissional. - A formação continuada é uma forma de auxiliar o corpo docente diante dos grandes desafios que surgem hoje na educação, atualizando os professores e conseqüentemente, tornando-se fundamental para o melhoramento de suas práticas pedagógicas (SUJEITO 1).

É uma oportunidade de reflexão acerca da prática educacional por nós desenvolvida onde temos o encontro com novas práticas pedagógicas possibilitando assim uma melhora na preparação do professor, fato este que reflete positivamente no processo ensino-aprendizagem (SUJEITO 1).

O professor tem que ser pesquisador da sua própria prática, pois, ensinar não é só conhecer o conteúdo utilizando algumas técnicas pedagógicas, uma boa reflexão é proveitosa e necessária para desenvolvimento do seu trabalho (SUJEITO 2).

É oferecer aos professores uma formação na própria escola, que possa consolidar-se como uma necessidade, entendida por um conjunto de competências e habilidades. Para que possamos desenvolver um bom trabalho em sala de aula (SUJEITO 2).

É necessário que o docente esteja em constante processo de formação continuada poderemos melhorar a prática docente e o conhecimento profissional. A formação continuada nos oferece a oportunidade do debate acerca da concepção do ensino, para que possamos cada vez mais como educadores, não apenas a deter o conhecimento, mas aperfeiçoá-lo (SUJEITO 3).

Acredito que a formação é uma constante aprendizagem que acontece na vida docente em todos os momentos, nos propõe novas técnicas de ensino,

informações e adequações, investimentos, na atualização, científica técnica cultural entre outros, todos esses fatores, servirão como ingredientes no processo de formação continuada (SUJEITO 4).

A formação continuada é muito importante em nossa realidade ela nos ajuda a nortear e a organizar o nosso trabalho, pois todo profissional precisa buscar novos mecanismos para desenvolver um bom trabalho (SUJEITO 5).

É o constante aprimoramento profissional através da reflexão e da prática, pois vivemos em constante mudanças e o professor como mediador de conhecimentos precisa refletir dialogar, questionar e compartilhar suas práticas e não ficar esperando uma "receita" pronta (SUJEITO 6).

Observamos que os seis sujeitos apresentaram concepções diferentes, mas bem próximas uma das outras, sobre a formação continuada em serviço. Os pontos comuns nas respostas desencadeiam que o processo de formação deve ser proposto ao professor como possibilidades de transformações na sua realidade, que propiciara a eles condições reais de estudo tornando sua prática pedagógica um objeto de reflexão e pesquisa, discutindo sua maneira de ser e seu fazer pedagógico. Como afirma Libaneo (2011, p.187):

a formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. Uma formação que se prolonga por toda a vida, torna-se crucial numa profissão que lida com a transmissão e internalização de saberes e com a formação humana, numa época em que se renovam os currículos, introduzem-se novas tecnologias, acentuam-se os problemas sociais e econômicos, modificam-se os modos de viver e de aprender, reconhece-se a diversidade social e cultural dos alunos.

No entanto para Placco (2015, p. 27) é importante ressaltar que:

a formação continuada como um processo complexo e multideterminado, que ganha materialidade em múltiplos espaços/atividades, não se restringindo a cursos e/ou treinamentos, e que favorece a apropriação de conhecimentos, estimula a busca de outros saberes e introduz uma fecunda inquietação contínua com o já conhecido, motivando viver a docência em toda a sua imponderabilidade, surpresa, criação e dialética com o novo.

Na questão sobre o Projeto de Formação Continuada em Serviço desenvolvido na Escola C, no ano de 2015, aplicada aos seis Sujeitos; - todos responderam que a Escola C não possuía claramente nenhum Projeto de Formação Continuada neste período. Que estas atividades de formação foram esporádicas e vinculadas a outros projetos vinculados ao governo federal, como por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, PNAIC; ou seja, a formação

continuada na Escola C, aconteceu sem planejamento específico por parte da gestão local, o que resumia nas reuniões de serviço e nas formações dos projetos vinculados ao governo federal. O que para nós, nesta pesquisa, estas reuniões, e ações do governo federal, PNAIC, não caracterizam como Formação Continuada em Serviço, na forma como a concebemos.

Questionamos ao Sujeito1, Gestor, sobre a forma que ele contribuiu para a formação continuada dos docentes no ano de 2015 e ele nos respondeu que:

Estimulando a desenvolver seu potencial, motivando e fazendo com que, se sinta capaz de transformar e realizar com sucesso todos os projetos elaborados pela equipe, além de estimular também a troca de experiências, discussões e reflexões sobre os trabalhos realizados. - Minha contribuição foi de forma clara onde, os mesmos tenham compreensão, respeito e conhecimento (SUJEITO 1).

Na perspectiva de uma gestão democrática o gestor em parceria com o coordenador pedagógico, possibilita os meios para que de fato aconteça a formação dos docentes no ambiente escolar. A concepção democrática participativa da gestão valoriza o desenvolvimento pessoal, a qualificação profissional e a competência técnica. Dirigir uma escola, implica conhecer bem o seu estado, observando, analisando e avaliar o seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, buscando resultados positivos e compartilhar as experiências docentes bem sucedidas.

Para Libaneo (2011, p. 121) a concepção democrático-participativo de gestão "valoriza o desenvolvimento pessoal, a qualificação profissional e a competência técnica".

Conforme Placco e Gouveia (2015, p.73) cabe ao,

Coordenador a formação dos professores e ser o principal articulador de redes de aprendizagem. E o gestor tem o desafio de realizar uma gestão com foco na aprendizagem dos alunos. Portanto, não se trata de polarizar as funções, como: ao coordenador pedagógico cabe o pedagógico e ao gestor, o administrativo, pois ambos realizam uma gestão com vistas a aprendizagem dos alunos.

Questionamos ao Sujeito 1, sobre o acompanhamento feito ao coordenador pedagógico no ano de 2015 e o mesmo respondeu que:

O acompanhamento foi feito através de conversas com os professores sobre os desafios em sala de aula e nos encontros mensais para planejamento, onde tivemos a oportunidade de avaliar o desempenho de cada profissional. - O trabalho do coordenador pedagógico, se deu através dos resultados obtidos em fichas e relatórios sobre o desempenho dos alunos em sala de aula, sendo que este foi feito mensalmente com o objetivo de garantir uma aprendizagem mínima (SUJEITO 1).

Como mostra a resposta acima o gestor valorizou o coordenador pedagógico no processo educativo que aconteceu no ano de 2015. O coordenador pedagógico esteve no ano de 2015 presente nas atividades realizadas na escola, juntamente com os docentes, orientando, tirando dúvidas, mostrando possibilidades de avanço de acordo com a execução das mesmas atividades. Também esteve orientando o planejamento escolar, esteve na construção do PPP, nas atividades avaliativas e nas execuções de ações pedagógicas que aconteceram na escola. O coordenador pedagógico foi presença ativa nas reuniões com os pais focando sempre a relevância da parceria escola, família e elaboração do conhecimento.

Neste contexto, é necessário um trabalho de parceria, pois:

O trabalho de parceria que se constrói articuladamente entre professores e coordenadores, possibilita a tomada de decisões capazes de garantir o alcance de metas e a efetividade do processo para alcançá-las. O professor se compromete com seu trabalho, com o aluno, com seu contexto e consigo mesmo (Orsolon, 2003, p. 25).

Indagamos ao Sujeito 1 sobre a relação do coordenador pedagógico e os docentes, pais e alunos desta Escola C no ano de 2015, e ele disse que:

O coordenador pedagógico promoveu o diálogo entre os docentes, os alunos e os pais, visando trazer para a realidade escolar toda comunidade na qual a ela escola está inserida. Fazendo com que os pais acompanhassem a vida da escola através das reuniões o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e o comportamento em sala de aula. - O nosso trabalho foi de conjunto de ideias compartilhadas. O acompanhamento se deu através da definição da visão estratégica, execução, monitoramento e a avaliação do conjunto da escola (SUJEITO 1).

O trabalho do coordenador somente se fortalece quando o mesmo é feito junto ao gestor escolar. As diversas funções do coordenador pedagógico só ocorrem com maior qualidade quando há uma integração na coletividade, mesmo que de

lugares diferentes e com responsabilidades distintas, precisam da partilha para ser efetivado.

Segundo Placco e Souza (2012) qualquer processo formativo e qualquer prática educativa só avançam se abordados na perspectiva do trabalho coletivo. Este pressupõe integração de todos os profissionais da escola, a não fragmentação de suas ações e práticas é fundamental para o compromisso com os alunos.

Indagamos ao Sujeito 1, sobre os principais desafios que o coordenador pedagógico enfrentou na Escola C, no ano de 2015, e a resposta foi:

Foi reunir com todos os professores, pois a maioria deles trabalham em duas ou mais escolas. Quando se pensa em um trabalho uniforme precisamos deles juntos para tomarmos decisões e nem sempre isso é possível no ano de 2015. - Apresentar inovações pedagógicas significativa nas práticas de ensino e aprendizagem da escola. Desenvolver estratégias para a elevação do rendimento escolar, motivar os professores com projetos de desenvolvimentos e didático e superação de dificuldades na sala de aula. Promover reuniões, discussões e debates com a comunidade escolar no sentido de melhorar o processo ensino-aprendizagem (SUJEITO 1).

Com base na resposta acima, acreditamos que a ação conjunta de educadores que se dedicam a coordenação pedagógica escolar e a gestão, imbuídos em manter o desenvolvimento do ensino e a aprendizagem devem ser parceiros com todos os segmentos da comunidade escolar.

Segundo Placco e Souza (2012, p. 26) diz que:

Trabalhando em parceria, os gestores escolares se tornam mais capazes de articular os grupos de professores, para que esse grupo de cada um dos professores se mobilize e se comprometa com a melhoria do trabalho pedagógico da escola. Nessa parceria, novos significados são atribuídos á pratica educativa da escola e á pratica pedagógica dos professores, e ao mesmo tempo, é suscitada a participação dos professores, em um processo formativo contínuo, com o desenvolvimento e a ampliação da consciência de todos os atores educativos da escola sobre seus compromissos como educadores: a melhoria do trabalho pedagógico na escola.

Indagamos ao Sujeito 1, sobre o trabalho do coordenador pedagógico na formação continuada dos professores no ano de 2015, e a resposta foi:

A nossa escola não teve nenhum projeto de formação continuada para os docentes neste período. As formações aconteceram mensalmente em parceria com a SEMED para os professores do 1º ao 3º, inscritos no programa federal PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), e para os demais professores, elas aconteceram sempre que houve

dificuldade em relação a conteúdos, ou até mesmo em situações comportamentais. Algumas vezes, as capacitações foram realizadas simultaneamente ao planejamento escolar e no momento da execução das aulas foi que o coordenador pedagógico acompanhou e fez suas colocações pertinentes as aulas ministradas no ano de 2015 (SUJEITO 1).

Observamos nesta citação acima como de fato aconteceu a formação na Escola C. As formações aconteceram de diferentes formas; aquela que aconteceu na escola, nos horários de planejamentos, orientando, dando sugestões, acompanhando na construção de avaliações etc.

Como afirma Fusari (2015, p. 31) "a relevância de práticas de formação docente exige reconhecer que o investimento na formação não pode ficar debitado apenas às iniciativas e voluntárias do docente, mas tem de representar uma meta clara no Projeto Político Pedagógico da Escola".

Na sequência, indagamos ao Sujeito 2, Coordenador Pedagógico, da Escola C, sobre suas principais atribuições no ano de 2015, e ele nos respondeu que:

Foram muitas, desde orientações e condução dos planejamentos e reuniões pedagógicas na escola, até acompanhar o processo ensino-aprendizagem em sala de aula, proporcionar momentos de planejamentos e reflexões entre os docentes, avaliar o desempenho dos alunos, buscar soluções para melhorar a prática pedagógica informar aos pais ou responsáveis a situação escolar de cada criança, buscar soluções para resolver problemas nas relações entre alunos dentre outras (SUJEITO 2).

Além destas atribuições apontadas pelo Sujeito 2, destacamos ainda muitas outras como:

- Trabalhar em parceria com o diretor, contribuir para uma administração eficiente.
- Estimular e articular a formação continuada da equipe escolar. Orientar a equipe docente na elaboração de planos didáticos, adequando-os às necessidades dos alunos;
- Zelar pelas qualidades das relações intrapessoais e interpessoais e o intercambio de experiência na escola;
- Participar ativamente das discussões, e elaborações, execuções e avaliação das atividades pedagógicas e didáticas;
- Acompanhar o planejamento.
- Promover a integração com a comunidade escolar no processo educativo;
- Realizar entrevista com pais ou responsáveis afim de obter melhores resultados com relação ao comportamento e ao rendimento escolar do aluno.
- Planejar e coordenar o processo de sondagem e interesses, aptidões e habilidades, visando o despertar no educando, a valorização do trabalho.
- Elaborar relatório semestral das atividades desenvolvidas na unidade de ensino.

- Encaminhar a outros especialistas os alunos que exigem atendimento especial (Fusari, 2015, p. 39).

Indagamos o Sujeito 2, sobre sua atuação na formação continuada dos docentes no ano de 2015, e respondeu que:

Minha atuação neste ano foi bem singela no que diz respeito a formação continuada do professor, pois se resumiu basicamente em reflexões feitas mensalmente nos momentos dedicados ao planejamento e no do acompanhamento das aulas, onde fiz as minhas colocações pertinentes junto aos professores. Acredito que para acontecer de fato, uma formação continuada precisaríamos ter um projeto com momentos semanais ou quinzenais de estudo, mas infelizmente ainda não conseguimos nos organizar neste nível. - Também destaco os acompanhamentos e orientações em grupos e individual que desenvolvi naquele ano (SUJEITO 2).

Na resposta acima, percebemos que a contribuição do coordenador na formação continuada dos professores das series iniciais se deu de forma esporádica, sem um projeto com objetivos e conteúdos definidos para esta formação. A falta de formações continuada dos coordenadores e a falta de planejamento e projeto com dia e horário definido para a realização desta formação continuada por parte dos gestores torna-se o maior dificultador, o que impede de se criar uma cultura do estudo e da aprendizagem em toda a escola, começando por quem deveria bem ensinar, no caso, os professores.

Geglio, (2008, p. 115) contribui em reflexão sobre o papel do coordenador pedagógico em afirmar que ele:

Exerce um relevante papel na formação continuada do professor em serviço e esta importância se deve à própria especificidade de sua função, que é planejar e acompanhar a execução de todo o processo didático-pedagógico da instituição.

Questionamos ao Sujeito 2 sobre os principais desafios encontrados no ano de 2015 em relação a formação dos professores, e ele destacou:

Foram vários desafios como o tempo e a continuidade do que foi discutido ou sugerido. Quando me reporto ao tempo quero esclarecer que na maioria das vezes o coordenador executou só o básico de sua função deixando de lado a formação continua do professor por dispor de tempo para organizar as ações no campo da formação docente, pois o mesmo também desempenhou outras funções que não eram de sua responsabilidade. Sobre a continuidade dos trabalhos, muitas vezes não aconteceu o prosseguimento dos trabalhos sugeridos ou orientados pela coordenação,

ficou evidente a falta de compromisso da gestão e do próprio docente com esta formação continuada. - Inicialmente precisei estar em constante capacitação para poder oferecer uma formação de qualidade; outro desafio foi a disponibilidade dos docentes sempre com pouco tempo disponível e o desvio de funções na escola. Tive que dedicar parte do tempo para resolver problemas de diferentes naturezas pedagógicas (SUJEITO 2).

Na resposta acima, o Sujeito 2, nos apresentou parte de sua difícil realidade de trabalho no ano de 2015. Seria necessário buscar formação constante para seu desenvolvimento profissional. Mostrando realmente aos demais profissionais da educação qual é a sua função na Escola C.

Para Libaneo (2011, p.187):

[...] a formação continuada dos professores é uma das funções da organização escolar, envolvendo tanto o setor pedagógico como o técnico e administrativo. A formação continuada é a condição para a aprendizagem permanente e para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional de professores e especialistas. É no contexto de trabalho que, os profissionais enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão promovendo mudanças pessoais, profissionais e político-social.

Indagamos sobre a articulação da gestão escolar e o trabalho do coordenador pedagógico no ano de 2015, e a resposta foi:

A gestão atuou de forma apenas técnico-administrativa, mas sempre que foi solicitada a colaborar com o trabalho pedagógico não se opôs. Sempre procuramos entrar em acordo para melhor gerir o ambiente escolar. - As vezes, houve um certo "fingimento" por parte da gestão, pois não aconteceu a continuidade de muitos de nossos trabalhos orientados pela coordenação, e isto foi notável por todos que não existiu uma parceria mais profunda entre gestor e coordenador pedagógico e isso refletiu de forma negativa no cotidiano de nossa escola (SUJEITO 2).

Observamos na resposta acima, uma certa contradição do Sujeito 2, onde ele destacou momentos de maior parceria nos trabalhos com a gestão e outros momentos de distanciamento da gestão em outras atividades. Porém, para Libâneo (2011, p.177):

[...] a gestão, precisa pôr em ação, de forma integrada e articulada, todos os elementos do processo organizacional (planejamento, organizacional, avaliação), envolvendo atividades, mobilização, liderança, motivação, comunicação, coordenação.

Uma gestão fomentada em parceria, com base sociedade democrática e no envolvimento de toda a comunidade escolar, tende a garantir ao coordenador pedagógico, certa autonomia na organização do trabalho pedagógico, como preconiza as orientações da LDBEN n. 93934/1996, quando delega ao gestor da escola a tarefa de construir uma gestão democrática e participativa. Desta forma a ação do coordenador pedagógico conjunta á gestão escolar pode contribuir para o desenvolvimento de ações pedagógicas coletivas. Esse caminho faz muita diferença, uma vez que a educação se constrói em parceria e coletividade, postura inerente ao gestor escolar.

Acredita-se que é possível um trabalho coletivo gerenciado pela gestão da escola e organizado pelo coordenador pedagógico, envolvendo todos os segmentos da escola e da comunidade escolar, de forma participativa e democrática.

Outra questão nesta entrevista foi saber dos docentes (Sujeitos 3, 4, 5 e 6) se o coordenador pedagógico contribuiu, no ano de 2015, com a formação e a prática dos mesmos:

Não, porque o coordenador não acompanha os trabalhos realizados pelo professor, dessa forma não pode ser apontado eventuais falhas mediante as tarefas realizadas por esse profissional e a partir daí apontar os pontos positivos e detectar os negativos com o objetivo de corrigir essas falhas etc (SUJEITO 3).

Não, pois parecia que não havia coordenador pedagógico na escola em que trabalho, e quando ele aparecia não exercia as atribuições que a ele compete (SUJEITO 4).

Sim, mediando sugestões acompanhando e facilitando minha prática (com suporte teórico e na aquisição de recursos). O coordenador pedagógico além de se fazer presente nas situações cotidianas da escola está sempre nos orientando, buscando colocá-las em práticas na instituição de trabalho. Realiza constante diálogo com a equipe da escola, propõe alternativas de atividades para melhorar o ensino e a aprendizagem. A participação e o envolvimento da coordenadora, contribuiu para a reflexão e tomada de consciências dos professores, em desenvolver um trabalho com responsabilidade e de qualidade em sala de aula com os alunos (SUJEITO 5).

Sim, pois é ele que avalia o professor em diversos momentos dentro do âmbito escolar. Como por exemplo: exerce a função de orientador em projetos escolares. Realizar seu trabalho sempre de forma coletiva em qualquer situação. O Coordenador se interage no assunto proposto aprimorando seu profissional com reflexões e críticas sobre sua prática. Teoricamente o coordenador pedagógico é peça fundamental na prática docente, no entanto a realidade que vivemos é bem diferente disto. As informações que o coordenador traz nos possibilitam a melhoria na qualidade do ensino-aprendizagem dentro de cada realidade, ou seja, na sua prática pedagógica (SUJEITO 6).

Percebemos nas respostas acima que os Sujeitos Professores ficaram divididos, com respostas positivas e negativas. Desta forma, podemos constatar que há uma falta de entendimento por parte dos professores sobre a real função do coordenador pedagógico na Escola C, visto que de fato o coordenador pedagógico é nesta escola investigada um profissional ainda novo e em algumas outras situações da Semed/Penalva, ele ainda nem exista. O que pode levar a um certo desconhecimento dos docentes de suas funções pedagógicas na escola.

Na escola, todos necessitam de formação continuada, inclusive o gestor e o coordenador pedagógico, para todos terem mais clareza de suas funções, formações específicas, carreira e identidade profissional etc.

O coordenador pedagógico é importante na escola porque ele, em equipe, cuida de toda a organização da parte pedagógica da escola, da forma como os alunos e professores aprendem, elaborando projetos e planejamentos de formação em todos os sentidos.

Para Geglio (2012, p.117) os momentos de atuação do coordenador pedagógico como agente da formação do professor em serviços são: "aqueles pertinentes a sala de aula, ao conteúdo de ensino, as didáticas e metodologias de ensino, as avaliações, ao desempenho dos educandos e ao relacionamento com os alunos".

Segundo Orsolon (2001, p. 22) o "coordenador media o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor". Conforme foi citado pelo autor essa atividade mediadora acontece na forma de transformação quando o coordenador pedagógico considera o saber, as experiências, os interesses e a maneira de trabalhar do professor. Dessa forma ele criará condições para questionar, refletir e melhorar a prática do docente em todas as dimensões.

Questionamos aos Sujeitos Professores sobre a Relação Interpessoal do coordenador pedagógico com a comunidade escolar no ano de 2015, e eles responderam que:

Foi fragmentada, ou seja, não acontece como deveria com todos os atuantes e em alguns casos não há relação alguma. - De uma forma regular, pois faltou mais diálogo, companheirismo e compromisso entre ambos. - Foi bem harmonizada, onde todos trocam ideias e chegamos sempre a um só objetivo. Usamos o nosso profissional como principal e única meta (SUJEITO 3).

Foi boa, estabelecendo uma relação de liderança e como mediador interpessoal entre professores, alunos, pais e gestores, contribuindo para que tenhamos uma convivência pacífica e assim, oferecendo uma formação de qualidade aos educandos (SUJEITO 4).

A coordenadora estava sempre articulando entre família e escola, sabendo sempre ouvir, olhar e falar a todos que buscam a sua atenção fortalecendo e incentivando a socialização entre os componentes da comunidade escolar, principalmente os professores. A coordenadora pedagógica buscou promover sempre diálogo contínuo entre o educador, o educando e a educação, buscando uma melhor qualidade de ensino-aprendizagem (SUJEITO 5).

Trabalhou em parceria acolhendo as opiniões de todas as partes, para que assim aconteça a realização de um bom trabalho. - O processo de colaboração de todos foi essencial para o bom funcionamento do ambiente escolar, pois isso precisa-se de atitudes éticas para manter um bom relacionamento profissional. - Foi uma relação que precisa de mais interatividade tanto com os pais e os alunos quanto com os professores pois muitos insistem em ver o coordenador como um fiscal do seu trabalho (SUJEITO 6).

O processo de relação interpessoal é fundamental para a convivência no trabalho, pois nos obriga a lidar com diferentes opiniões, formações, cultura e comportamento. O coordenador pedagógico tem que estabelecer uma relação que permita a articulação das instâncias entre família e escola. Ele tem que ouvir, olhar e falar a todos que estão em seu ambiente de trabalho socializando sempre com todos que fazem parte da família escolar. A relação do coordenador com sua equipe, determina um bom andamento no ensino no processo educacional.

Questionamos aos Sujeitos Professores sobre possibilidades de melhoramento nas práticas do coordenador pedagógico referente ao acompanhamento dos mesmos e eles responderam que:

A promover ações de articulações com as famílias para integrá-las a vida escolar. - Capacitações mais intensivas, onde pudessem preparar melhor os coordenadores (SUJEITO 3).

O ponto de partida sem dúvida é a carência de mais encontros de formação continuada para aprimorarmos os conhecimentos profissionais, pois o desafio do coordenador diante da rotina do ambiente escolar acaba por assumir diversas funções, prejudicando os encontros de aperfeiçoamento dos profissionais, sendo que a secretaria de educação não dá o apoio necessário para que essa formação aconteça periodicamente. - Seria muito bom se os coordenadores fossem formados em Pedagogia e tivessem mais formações na área pedagógica. Porque os professores formados em pedagogia, muito mais do que um professor formado em pessoas que não tem noção para exercer essa função (SUJEITO 4).

Na realidade acredito que as atribuições são de conhecimento de todos o saber ouvir, saber falar e saber se relacionar é uma estrada de mão dupla, onde a via de retorno está interditada, ou seja, não há diálogo, há

imposições numa hierarquia e este fato causa uma interrupção, num processo de aperfeiçoamento que deveria ser contínuo e crescente. Mesmo assim alguns fatores como:

- Oferecer aos professores condições para que os mesmos não retenham conhecimento e sem criem oportunidades dos alunos produzirem seus conhecimentos em função da sua realidade.
- Ser questionador, ajudando o professor a ser reflexivo e crítico em sua prática.
- Trabalhar com a coletividade, promovendo ações que gerem parcerias de maneira a solucionar ou minimizar déficits existentes.
- Ter compromisso não com a coordenação geral, mas sim com a escola, pois, alunos, profissionais da educação, respeitando a diversidades e a limitação de cada um (SUJEITO 5).

São novas visões das atribuições que permitiriam o estímulo na inovação e mudanças reais na prática docente e mais ainda mudanças comportamentais nos alunos e progressos de maneira geral para a sociedade. - A coordenação poderia buscar a construção permanente, mas nunca esquecendo que a prática do professor é a parte mais significativa na vida do educador. - Na realidade não existe uma participação direta e eficaz do coordenador pedagógico, pois é importante frisar que esses profissionais precisam realmente entender a verdadeira função de um coordenador pedagógico. Acredito que para melhorar precisam de preparo, compromisso e muito diálogo (SUJEITO 6).

Observamos nas respostas acima dos Sujeitos 3, 4, 5 e 6 diferentes situações em relação a possíveis práticas de melhoramento do acompanhamento do trabalho dos professores na Escola C. Visto que em algumas respostas o coordenador precisa realmente de espaços para estudos e formações para seu aprimoramento. Conforme afirma Placco (2012) as relações entre professores e alunos precisa ser mais compreendida, enquanto aspecto do desenvolvimento dos atores da prática social da educação em todos os níveis e modalidades.

Enfim, neste capítulo, a partir dos dados analisados, compreendemos a difícil realidade do coordenador pedagógico na Escola C no ano de 2015, em realizar a formação continuada dos professores em serviço. Deixando evidente que esta atribuição do coordenador pedagógico precisa ser priorizada em todas as escolas, com planejamento prévio coletivo e muita dedicação de toda a comunidade escolar para que esta ação possa realmente acontecer, fortalecendo a cultura do conhecimento da escola e da constante atualização dos docentes em serviço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, apresentamos concepções de diversos autores sobre o coordenador pedagógico e a formação continuada de professores em serviço. Destacando a importância deste profissional acerca do ensino-aprendizagem na escola, contribuindo também, para aprofundar algumas inquietações pessoais em minha prática como coordenadora pedagógica.

À medida que era realizamos esta pesquisa, reforçava cada vez mais minhas dúvidas em relação as atribuições que eram dadas ao coordenador pedagógico nas escolas do município de Penalva-Ma.

A partir desde estudo foi possível constatar contradições em relação as demandas exercidas pelo coordenador pedagógico nos trabalhos que vem sendo realizado nas escolas.

Esta pesquisa abriu novos horizontes no que se refere aos rumos que o coordenador pedagógico deve trilhar diante de sua função, principalmente no entendimento e na prática da formação continuada do professor em serviço.

As respostas dos seis sujeitos desta pesquisa e as análises que realizamos, que foram um tanto limitadas, mas nos ajudou a compreender a realidade da Escola C e a forma como a formação continuada aconteceu no ano de 2015, ou seja, de forma um tanto precária, sem projeto de formação e um tanto improvisada.

Visto que, é necessário que o coordenador pedagógico tenha clareza de suas atribuições para que deixe de ser "o faz tudo", descaracterizando sua função e desempenhando atribuições de outros profissionais da educação. O coordenador precisa ter uma boa formação, pois o mesmo possui relevantes atribuições como de articulador, formador e transformador, sendo que sua participação está em torno de todas as ações que ocorrem na escola, desde de um simples texto a uma pequena motivação ao professor, auxiliando o gestor, promovendo reuniões dos pais, contribuindo com as ações desenvolvida na escola, a construção do PPP, sua função é indispensável em uma escola. Pensar em uma educação como fonte de ensino aprendizagem é valorar o conhecimento, mediando os saberes e construindo a coletividade, por isso o coordenador ao mediar sua equipe de trabalho, estabelecendo um espaço aberto a discussões e á participação de todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Desta forma, torna-se necessário que haja uma gestão participativa, onde todos os funcionários da referida escola, cumpram com suas funções, e que também, sejam comprometidos com os resultados alcançados. Nesse contexto a coletividade trabalhara em prol da aprendizagem dos alunos. As discussões feitas durante a pesquisa, mostrou a necessidade do coordenador pedagógico em todas as escolas, mas é necessário que este busque formações continuadas para que possa estar sempre fundamentado com teorias que os levará ao sucesso das práticas. Enquanto a escola é um ambiente social, que precisa rever suas ações, analisando-as através de uma praxe crítica e reflexiva, sendo construída por meio de ações coletivas, inserindo a comunidade interna e externa da escola. Portanto, o trabalho do coordenador pedagógico é de corroborar com a construção de um ambiente participativo, tornando as escolas democráticas, onde haja incentivo pela busca do conhecimento e construção da cidadania, através do trabalho em equipe e a formação continuada em serviço.

Enfim, os resultados obtidos se desdobraram entre as possibilidades e os desafios da formação continuada no interior da escola investigada. Constatamos que a escola não teve projeto de formação continuada no ano de 2015 elaborado pelo coordenador pedagógico ou pelo gestor. Compreendemos que a formação continuada dos docentes no ano de 2015 se deu de forma precária resumindo a reuniões de trabalho e de planejamento de aulas. Em contrapartida, os desafios que permeiam a escola investigada, demonstraram a urgente e necessária criação coletiva de um projeto de formação continuada para os docentes da escola, com a definição de temas a serem estudados, como também, da definição do tempo real para a realização das formações, com agenda prévia para todo o ano. Uma vez que com a formação continuada os docentes poderão desenvolver suas atividades pedagógicas de forma mais crítica, política e libertadora eliminando ações sem resultados de aprendizagem repetidas por vários anos e, ao mesmo tempo, auxiliá-los em tomadas de decisões relacionadas às suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais para a Formação de Professores**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000511>. Acesso em: 25 de setembro de 2016.
- CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (Orgs.) **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. 14a. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2001.
- FRANCO, Francisco Carlos. **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2001.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- FUSARI, José Cerhi. **O Coordenador Pedagógico e a formação docente**. 13a. Ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- GARCÍA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Educa, 1995.
- GARRIDO, E. **Espaço de formação continuada para o professor-coordenador**. In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R.; CHRISTOV, L. H. S. (Org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- GARRIDO, Elsa. **O Coordenador Pedagógico e a formação docente**. 13. Ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- GEGLIO, P.C. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. In: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 3 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2005.
- GHIRALDELLI, Júnior Paulo. **História da educação brasileira**. 5a. ed. São Paulo, Cortez, 2015.
- GOUVEIA, Beatriz. PLACO, V.M.N de Souza. **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- HERNANDEZ, Fernando. **Como os docentes aprendem**. Pátio – Revista Pedagógica, SP, nº 4 pág. 9 a 13. fev/1998.
- KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação Infantil e/é fundamental. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 804, out. 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001. Arquivado em: Educação, Pedagogia. Disponível em: <http://www.infoescola.com/pedagogia/> Acesso em 12-08-2016.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Editora Heccus, 2015.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas**. Educere et educare: **Revista de Educação**, v. 2, n. 4, p. 77-90, jul./dez. 2007.

MATE, C.H. Qual a identidade do professor coordenador pedagógico. In: GUIMARÃES, A. A *et. al.* *O coordenador pedagógico e a educação continuada*. São Paulo: Loyola, 1998.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro no presente**. Lisboa: Educa, 2009.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2001.

PIMENTA, S.G. **Questões sobre organização do trabalho na escola**. Ideias, São Paulo, v. 16, p. 78-83, 1993.

PLACCO, Vera Maria N. de S. (Org.). **O coordenador pedagógico: Provocações e possibilidades de atuação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

PLACCO, Vera Maria N. de S. Formação de professores: o espaço de atuação do coordenador pedagógico-educacional. In: FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. S. (Orgs.) **Para onde vão a orientação e supervisão educacional?** Campinas: Papirus, 2002.

PLACCO, Vera Maria N. de S. **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2003.

PLACCO, Vera Maria N. de S.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 3. ed. São Paulo: Loyola. 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**, 6.ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação pedagógica: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2008.

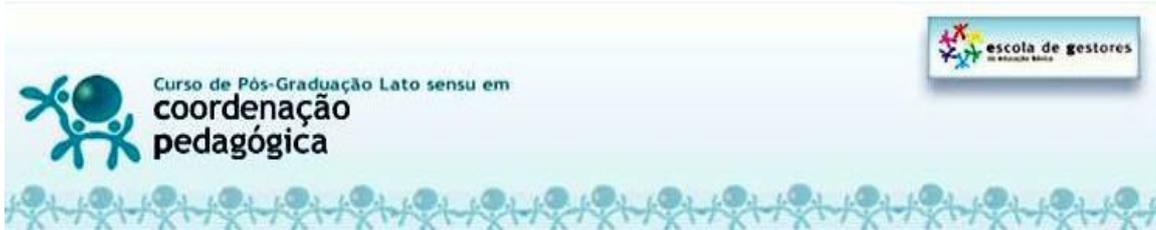
LUDKE, Menga; André, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPV, 1986.

MEDEIROS, Luciene, Rosa, Solange. **Supervisão Educacional: Pontualidades e Limites**. 1ª ed. São Paulo. Cortez, 1987.

SOARES, Andrey Felipe Ce. **Coordenação pedagógica : Ações, legislações, gestão e necessidade de uma educação estética**. 2011. 140 fl Monografia (Curso de Mestrado acadêmico). Universidade do Vale do Itajaí/SC

LIBERALI, Fernanda. **Profissão: Articulador escolar**. Revista Educação. 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/profissao-articulador-escolar>. Acesso em out 2016.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, eu, _____
_____, portador(a) da cédula de identidade Nº _____,
professor(a) da rede estadual (ou municipal) de educação do Estado (ou município
_____, declaro ceder ao(à) pesquisador(a)
_____, estudante do Curso de Pós-graduação
em Coordenação Pedagógica, da Escola de Gestores, vinculado à Universidade Federal do
Maranhão - UFMA, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento que prestei à
mesma.

O(A) referido(a) pesquisador(a) fica constantemente autorizado(a) a utilizar, divulgar
e publicar, para fins de sua Monografia, como em qualquer publicação que esteja ligada à
sua atividade de pesquisa, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não,
sendo preservada a minha identidade e sigilo, o qual será resguardado mediante a utilização
de codinome (pseudônimo).

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Município, _____ de _____ de 2016

.....
Assinatura do Entrevistado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**Pesquisa: A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
PENALVA–MA NO ANO DE 2015**

QUESTIONÁRIO 1 - GESTOR *(Aplicado a 1 Gestor)*

1. IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: - Idade:

Formação:

Tempo de Trabalho na Semed/Penalva:

Tempo de trabalho na Gestão desta escola:

2. Qual é a sua concepção de formação continuada de professores?

3. A sua gestão desenvolveu algum Projeto de Formação Continuada para os Professores no ano de 2015? Como ele estava organizado e como ele se desenvolveu?

4. Como você avalia a formação continuada dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental desta escola no ano de 2015?

5. Como você acompanhou o trabalho do coordenador pedagógico desta escola no ano de 2015?

6. Como foi a relação do coordenador pedagógico com os docentes, pais e alunos desta escola no ano de 2015?

7. Quais foram os principais trabalhos que a coordenação pedagógica desta escola desenvolveu no ano de 2015?

8. Como o Coordenador Pedagógico desta escola, no ano de 2015, desenvolveu a formação continuada dos professores das séries iniciais?

Obrigada!

.....
Cleidimar Costa Trindade



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

Pesquisa: A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PENALVA-MA NO ANO DE 2015

QUESTIONÁRIO 2 - COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA *(Aplicado a 1 Coordenador)*

1. IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: - Idade:
Formação:
Tempo de Trabalho na Semed/Penalva:
Tempo de trabalho na Coordenação Pedagógica desta escola:

2. Qual é a sua concepção sobre a formação continuada de professores?
3. Você elaborou e desenvolveu algum Projeto de Formação Continuada para os Professores no ano de 2015? Como ele estava organizado e como ele se desenvolveu?
4. Como você desenvolveu o seu trabalho de coordenador pedagógico, no ano de 2015, com a sua formação continuada dos docentes desta escola? Dê exemplo:
5. De uma forma geral, como você avalia o seu trabalho na coordenação pedagógica com a formação continuada dos docentes desta escola no ano de 2015 junto ao gestor, professores, alunos e toda a comunidade escolar?
6. Quais foram seus maiores desafios e sucessos na formação continuada dos docentes no ano de 2015, nesta escola?

Obrigada!

.....
Cleidimar Costa Trindade

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**Pesquisa: A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
PENALVA-MA NO ANO DE 2015**

QUESTIONÁRIO 3 - PROFESSORES *(Aplicado a 4 professores)*

1. IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: - Idade:

Formação:

Tempo de Trabalho na Semed/Penalva:

Tempo de trabalho como professor nesta escola:

2. Qual é o seu entendimento sobre formação continuada de professores em serviço?

3. Esta escola teve e desenvolveu algum Projeto de Formação Continuada para os Professores no ano de 2015? Como ele estava organizado e como ele se desenvolveu?

4. Vocês participaram da elaboração deste Projeto de Formação Continuada de Professores de sua escola que foi desenvolvido no ano de 2015?

5. O gestor, juntamente com a coordenação pedagógica, favoreceu no ano de 2015 formação continuada aos professores desta escola?

6. Como você avalia o trabalho do coordenador pedagógico nesta escola referente a formação continuada dos docentes no ano de 2015? Dê exemplos.

Obrigada!

.....
Cleidimar Costa Trindade